

John Sack

A PASSAGEM
DO ANJO



SEXTANTE
FICÇÃO

Nota do autor

A PASSAGEM DO ANJO É UMA OBRA DE FICÇÃO. Os nomes, personagens, lugares e incidentes são imaginários ou, se históricos, usados de modo fictício. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais existentes é coincidência.

Prefácio

EM *O LIVRO DOS LOBISOMENS*, Sabine Baring-Gould escreve sobre visões pagãs e cristãs dos mutantes, seres humanos que, por vários meios, assumem temporariamente a forma de animais:

“Em muitas histórias, o indivíduo que muda de forma é visto com reverência supersticiosa, como um ser de ordem mais elevada – de natureza divina. Nos países cristãos, porém, tudo o que se relacionasse à mitologia pagã era visto com desconfiança por parte do clero, e qualquer poder milagroso que não fosse sancionado pela Igreja era atribuído ao maligno. Os deuses pagãos se tornaram demônios, e as maravilhas relacionadas a eles passaram a ser consideradas intervenções diabólicas. Nos tempos cristãos, um caso de transformação que demonstrasse a força de um antigo deus era tido como bruxaria. [...]Aqueles que mudavam de forma não eram mais vistos como seres celestiais que exigiam reverência, e sim como miseráveis feiticeiros que mereciam a morte na fogueira.”

Nesse mesmo livro, uma história norueguesa fala de lobisomens e sugere que nem todos eram monstros sedentos de sangue:

“Num povoado em meio a uma floresta, vivia um camponês chamado Lasse com sua mulher. Um dia ele saiu para derrubar uma árvore, mas esqueceu-se de fazer o sinal da cruz e de rezar o pai-nosso, de modo que uma espécie de feiticeiro-lobo adquiriu poder sobre ele e o transformou num lobo.

A esposa ficou de luto durante muitos anos, até que numa noite de Natal surgiu à sua porta uma mendiga pobre e esfarrapada. A boa dona da casa a acolheu, a alimentou e a tratou com gentileza. Quando partiu, a mendiga disse que a mulher voltaria a ver o marido, que ele não estava morto e sim vagando pela floresta na forma de um lobo.

Ao anoitecer, a mulher foi à despensa guardar um pedaço de carne para o dia seguinte e, ao se virar para sair, percebeu um lobo parado à sua frente, erguendo-se com as patas nos degraus da despensa, olhando-a com expressão triste e faminta. Ao vê-lo, ela disse: ‘Se eu tivesse certeza de que você é o meu

Lasse, eu lhe daria um pedaço de carne.’ Nesse instante a pele do lobo caiu e o marido apareceu diante dela, com as roupas que usava na manhã infeliz em que ela o vira pela última vez.”

No *Ramayana*, o senhor Rama encontra os *viranas* – humanoides com pelo e cauda de macaco. O rei deles, Hanuman, ajuda Rama a procurar sua esposa, Sita, que fora sequestrada. Ele também ajuda Rama e seu irmão Lakshmana na luta contra o sequestrador, Ravana, imperador dos demoníacos *rakshasa*.

Durante a guerra, os *rakshasa* ferem gravemente Lakshmana. Abalado, Rama pede que Hanuman traga uma poderosa erva capaz de restaurar a vida. Ravana acredita que se Lakshmana morrer, Rama perderá a coragem e desistirá da batalha; então, manda seu tio fazer Hanuman cair na tentação da luxúria. Mas um crocodilo – na realidade, uma criatura celestial condenada a viver por um tempo entre os demônios – avisa Hanuman da trama de Ravana e o rei-macaco mata o tio.

Para saber se Hanuman salva Lakshmana e resgata Sita, leia o *Sundara Kanda*, o quinto livro do *Ramayana*, que conta as aventuras do rei *virana*. Para ler *A passagem do anjo*, porém, basta saber que lobisomens, macacos humanoides, crocodilos celestiais amaldiçoados e outras criaturas mágicas podem ter habitado a Terra algum dia. Muitos afirmariam que ainda habitam.

JOHN SACK
Sul do Oregon, 2008

Personagens

DA COMUNA DE TODI

Do Coldimezzo

Capitanio di Coldimezzo, *signore* do Coldimezzo

Donna Lucrezia, sua mãe

Buonconte di Capitanio, filho de Capitanio

Cristiana, sua esposa

Amata, sua filha

Fabiano, seu filho

Guido di Capitanio, filho de Capitanio

Vanna, sua filha

Teresa, sua neta

Bruno, guarda-florestal do Coldimezzo

Da cidade de Todi

Iacobello Lorenzini

Donna Lucia, sua esposa

Angelo, seu filho, mais tarde frei Angelo da Todi

Silvestre, filho bastardo de *donna* Lucia

Maestro Gastaldo, administrador dos Lorenzini

Nella, dama de companhia de *donna* Lucia

Rema, cozinheira dos Lorenzini

Dr. Bartolo, tutor de Angelo e Benedetto

Dr. Filippo, seu irmão, também tutor

Mario Boschi, amigo de infância de Angelo

Maestro Maccabeo, notário

Leta, sua esposa

Enzo, irmão de Leta

Pietro Gaetani, bispo de Todi

Benedetto Gaetani, seu sobrinho, mais tarde papa Bonifácio VIII

Roffredo Gaetani, irmão de Benedetto

Commacio, *podestà* de Bolonha e mais tarde de Todi

Jacopo dei Benedetti, notário, mais tarde frei Jacopone da Todi

Da Torre del Lupo

Lorenzo (*Il Lupo*), falecido conde da Torre del Lupo e pai de Iacobello Lorenzini

Urso, capataz da Torre

Marcello, seu filho

Maria Vidone, jovem camponesa

Tino, seu filho

Gina Paoli, jovem camponesa

DA COMUNA DE ASSIS

Angelo di Pietro Bernardone, mercador de lã

DE ROMA

Paganello, erudito siciliano

Omar Kasim, erudito e médico sarraceno

OS FRADES MENORES

Freis

Conrad d'Offida

Giovanni de LaVerna

Pier Jean d'Olivi

Pietro da Fossombrone (mais tarde frei Clareno)

Pietro de Macerata (mais tarde frei Liberato)

Salimbene, escriba e cronista

Sanguigno, confessor na Igreja de São Fortunato, em Todi

Ubertino da Casale

Ministros gerais e vigários

1212-1226 São Francisco de Assis

Vigário: Elias di Bonbarone

1227-1232 Giovanni Parenti

1232-1239 Elias di Bonbarone

1239-1240 Alberto da Pisa

1240-1244 Haymo de Faversham

1244-1247 Crescentius da Iesi

1247-1257 Giovanni da Parma

- 1257-1274 Bonaventura da Bagnoregio
- 1274-1279 Girolamo d'Ascoli, mais tarde papa Nicolau IV
- 1279-1283 Bonagrazia da San Giovanni, em Persiceto
- 1283-1285 Vigário: Pietro da Falgario
- 1285-1286 Arlotto da Prato
- 1286-1287 Vigário: Pietro da Falgario
- 1287-1289 Matteo d'Aquasparta
- 1289-1295 Raimondo Gaufridi
- 1296-1304 Giovanni da Murrovale
- 1304-1313 Gonsalvo da Valboa

OS PAPAS

- 1198-1216 Inocêncio III, que aprovou a Ordem dos Frades Menores
- 1217-1227 Honório III (Cencio Savelli)
- 1227-1241 Gregório IX (Ugolino dei Conti, antigo cardeal, protetor da Ordem dos Frades Menores, 1220-1227)
- 1241 Celestino IV (Goffredo di Castiglione)
(Cargo desocupado por 20 meses)
- 1243-1254 Inocêncio IV (Sinibaldo dei Fieschi)
- 1254-1261 Alexandre IV (Rinaldo dei Conti)
- 1261-1264 Urbano IV (Jacques Pantaleon)
- 1265-1268 Clemente IV (Guy Fouquois)
(Cargo desocupado por quatro anos)
- 1272-1276 Gregório X (Tebaldo dei Visconti)
- 1276 Inocêncio V (Pierre Tarentaise)
- 1276 Adriano V (Ottobuono dei Fieschi)
- 1276-1277 João XXI (Juan Pedro Juliani)
- 1277-1280 Nicolau III (Giovanni Gaetano degli Orsini)
- 1281-1285 Martinho IV (Simon de Brie)
- 1285-1287 Honório IV (Jacopo Savelli)
(Cargo desocupado por 11 meses)
- 1288-1292 Nicolau IV (Girolamo d'Ascoli)
(Cargo desocupado por dois anos)
- 1294 Celestino V (Pier da Morrone)
- 1294-1303 Bonifácio VIII (Benedetto Gaetani)
- 1303-1304 Bento XI (Niccolo Boccasini)
- 1305-1314 Clemente V (Bertrand de Got)
- 1316-1334 João XXII (Jacques Drèze)

PRIMEIRA PARTE



INFERNO
O ANJO ENLOUQUECIDO

CAPÍTULO UM

Palestina, 1299

EM SUA LÍNGUA NATIVA, ESTE LUGAR seria chamado de *carceri*. Ele prefere a palavra francesa, *oubliette*: um buraco miserável onde um pecador infeliz é condenado a apodrecer, abandonado, até que finalmente morra.

Alguém ainda pensaria nele? Silvestre, talvez. Maria? Improvável – mas, tinha de confessar, preferia que pensassem mal a seu respeito a ser esquecido de vez.

Ele sabe que está perto de Palestina. A carruagem papal que o trouxe chegou à noite, mas ao luar ainda pôde identificar as torres demolidas do castelo dos Colonna.

Também tem certeza de que sua prisão fica perto de um mosteiro beneditino. O monge que lhe traz água e comida usa o hábito preto da ordem, e, quando a brisa sopra do oeste, ele pode ouvir os cânticos.

A caverna tem a forma de uma colmeia gigante, com 6 metros de largura na base circular, mas apenas 1 metro quadrado na abertura. Fica sob o solo, a não ser pelo alçapão por onde os homens do papa o baixaram um ou dois anos atrás. O musgo suaviza a parede de pedra e, no meio da colmeia, no ponto mais baixo do piso inclinado, há um buraco ainda mais fundo – destinado ao excremento que ele empurra para dentro com seu cajado e, ele suspeita, para descartar os prisioneiros mortos.

Quando os soldados o pegaram, ele se ofereceu para ser punido em lugar dos outros frades que haviam assinado o Manifesto de Longhezza – Deodato Rocci, Jacopone da Todi, Corrado da Perúgia –, mas as tropas do papa continuaram a busca até encontrar e capturar todos os rebeldes. Desde então, não teve notícia deles. Espera que tenham se dado melhor do que os Colonna. Muitos daquele clã foram envenenados, estrangulados ou despachados de outras formas desagradáveis.

Para consolar-se, repete a si mesmo: “O papa está velho.” O próximo pontífice pode olhar com mais gentileza para os frades presos. Um dia, no cesto junto com a comida, seu carcereiro entregou-lhe uma pena e um frasco de tinta. Ocasionalmente o monge manda pedaços de pergaminho para que ele possa escrever os pensamentos que ocupam sua mente. Presentes proibidos, sem dúvida, mas ele aceita de bom grado qualquer ajuda que possa receber.

A cada manhã, caminha pela borda externa de seu círculo, primeiro para a direita, depois para a esquerda. Alternar as pernas na posição mais alta e mais baixa do piso inclinado diminui a tensão na coluna torta. Quando não está andando, comendo ou escrevendo, ele reza. O abade Moisés de Scete disse: “Sente-se em sua cela. A cela lhe ensinará tudo.” Que importa que seja uma cela de prisioneiro e não de eremita? Quando Madalena vivia como ermitã na floresta, não tinha intermediários entre ela e Deus. O mesmo acontece com ele.

Não há nada que o distraia nesse local. Ele tem solidão, silêncio, está livre de preocupações e de ratos, além de desfrutar de uma rotina e de uma temperatura que raramente variam. Pode anotar suas reflexões e sonhar seus sonhos de velho, sem interrupção. Adquiriu uma grande fé no sono. Quando o sol brilha, ele move seu assento à medida que a luz percorre o piso. As chuvas o lavam e limpam a cela e o buraco fica fedendo menos que um peito de ogro. Comparado aos seus anos de exílio, este buraco é quase o paraíso.

Quase. Ele não consegue escapar de um tormento infernal.

Ele é um anátema, um excomungado – como frei Pietro da Fossombrone havia alertado que poderia acontecer. Bonifácio negou-lhe os sacramentos. Se ele morrer sem perdão, sua alma queimará por toda a eternidade. Parece que o papa venceu a batalha final da rixa entre os dois no correr dos anos.

– Santo Deus – implora na noite negra e silenciosa. – O senhor deu ao seu vigário o poder para aprisionar as almas na Terra e na outra vida. Eu suplico, suavize o coração deste pontífice para que o senhor e eu não fiquemos separados para sempre.

Essas são ocasiões em que ele costuma chorar.

Excomunhão. É verdade em todos os sentidos. Seus irmãos espirituais e sua família provavelmente não sabem onde ele está, nem mesmo se ainda vive. A única pessoa com que tem contato, o carcereiro beneditino, é proibido de lhe falar. Ele vive fora dos laços da memória de qualquer pessoa.

O *seu* problema, no entanto, é que ele passa dias, semanas e meses sem ter o que fazer a não ser recordar. O alcance de sua memória não tem limite. O conflito entre ele e o papa é uma planta venenosa cujas raízes remetem a quase 50 anos no passado. Esta manhã mesmo sua mente sondou a ponta mais profunda e retorcida dessa árvore maldita – o primeiro choque com o pontífice, quando ele era o menino Angelo Lorenzini e o papa Bonifácio VIII, alguns anos mais velho que ele, era conhecido como Benedetto Gaetani.



Quando viu seu pai morrer, Angelo tinha apenas 13 anos. Encostou-se no portal, olhando para além da cama do doente e do médico de manto vermelho. Uma névoa branda passava pelas persianas abertas e deixava turva a folhagem nova que subia do pátio. Com uma calma sobrenatural, ouvia a umidade do ar juntar-se em gotas tênues nas calhas do telhado e cair terra abaixo. A umidade que encharcava as tábuas do piso e as vigas que sustentavam a *loggia* parecia penetrar em seus ossos.

Oito anos antes, ele passara berrando por aquele balcão, fazendo estremecer as madeiras da estrutura, seguido de perto por um garoto mais velho. Seu pai subiu a escada pela extremidade oposta e segurou os dois meninos pelos capuzes das capas. Expulsou o colega de Angelo da propriedade da família. Ele jamais retornou.

Em seguida, Iacobello Lorenzini deu um cascudo na cabeça do filho trêmulo.

– Em suas veias corre sangue nobre – gritou. – Nunca mais me deixe pegá-lo se misturando com moleques de rua! – Agarrou um punhado do cabelo cor de areia que provava a herança lombarda do menino e o arrastou até o *scriptorium*.

Angelo, o *anjo*, ficou curvado sobre sua escrivaninha ao longo dos anos seguintes. Reteve as asas como uma borboleta espetada num quadro de cortiça, entoando cautelosas declinações ao ritmo do bastão de seu tutor e da disciplina férrea do pai. Sentia cãibras nos dedos enquanto rabiscava na tabuleta de cera

AMO

AMAS

AMAT

ainda que ninguém amasse naquele lar tão rígido.

Por causa de lembranças como essa, ele não teve nenhum interesse nas últimas palavras do pai, no praticamente inaudível “Gelino” que veio dos travesseiros manchados de suor. *Anjinho*. Sua mãe ainda recorria ao apelido dos tempos de criança, mas o pai não o chamava assim havia anos. Iacobello tinha um ditado: *Na infância, todos da raça de César são homens*. O olhar feroz acentuava suas palavras e paralisava o menor impulso do garoto de bater asas. As dificuldades da infância pesavam sobre ele e limitavam até mesmo a fantasia de voar, mas agora ele sabia que aquele bruto preso à cama jamais iria espancá-lo novamente, quer ele respondesse ou não.

– Gelino!

O grito estrangulado veio com mais urgência. Os olhos do menino se concen-

traram na palidez azul dos lábios trêmulos do sujeito agonizante. O pai começou a se contorcer e arrancou o cobertor de cima do peito e dos braços. O médico correu até a beira da cama, passou uma esponja na testa do paciente e a mão por seus cabelos.

– Acalme-se, *signore* Iacobello – disse em voz untuosa como seus unguentos.

O cone sobre o nariz – cheio de ervas medicinais – balançava enquanto ele falava. Para Angelo, parecia um galo bicando grãos espalhados no peito do paciente. Assim que Iacobello começou a relaxar, o médico se virou para o pequeno baú que pusera sobre o genuflexório no canto. Da parede de gesso, Cristo crucificado olhou para baixo, sangrento e contorcido, enquanto o homem remexia em seus remédios. O pai de Angelo aproveitou-se da falta de atenção para morrer.

– Pode parar de procurar, sanguessuga – disse o garoto. – Papai fugiu de suas panaceias inúteis.

O médico pousou o baú. As dobras amareladas em volta de seu queixo se afrouxaram e os olhos se moveram incertos, primeiro para o menino, depois para a cama. Atravessando o quarto, levantou o braço de Iacobello, colocou o dedo indicador e o médio no pulso e em seguida no pescoço do paciente. Apertou o ouvido contra o peito imóvel e franziu a testa. Pegou a vela na mesinha de cabeceira, levantou a cabeça do *signore* com uma das mãos e segurou a chama diante de suas narinas. O garoto se agachou, tentando ver se o fogo chamuscaria os pelos brancos que brotavam das narinas do pai ou se queimaria o nariz. A chama não se mexeu.

O médico guardou a vela, assumiu uma postura séria e chamou em voz alta:

– Iacobello Lorenzini. – Em seguida segurou com as duas mãos a frente de seu manto vermelho, fez uma pausa dramática e pronunciou: – *Conclamatum est*. Seu espírito foi chamado e não responde. Ele está morto. Vá chamar seu administrador, menino.

– Chame você, sanguessuga – respondeu o garoto com rispidez. – Vou à igreja dos frades contar à minha mãe. – E saiu, virando-se para o médico ao chegar à porta. – Daqui em diante – acrescentou –, dirija-se a mim como *signore* Angelo. Agora sou o senhor desta casa.



Pelo portão principal, Angelo olhou a rua. Nunca estivera fora da propriedade da família sozinho, apenas com o pai ou os serviçais. Mesmo quando o *signore* Iacobello se separava deles depois da missa dominical, um homem da casa levava o garoto – *para protegê-lo de demasiada influência feminina*, explicava o pai.

A rixa contínua entre os que apoiavam o papa e os partidários do imperador romano transformara Todi em um campo de batalha. O Grande Conselho havia tornado ilegal o porte de armas, mas ainda era possível ser ferido por uma pedra arremessada ou por um punho certo. As crianças da cidade arremedavam os pais e as brigas eram corriqueiras – outro motivo para não ficar longe de casa sem escolta. Angelo era pequeno para a idade.

Suas narinas se inflamaram enquanto ele seguia rapidamente em direção à cidade alta. O cheiro das ruas úmidas e vazias lhe causava repulsa. *Como os restos podres dos que andam à noite*, pensou. Por causa da garoa ou do odor dos espíritos malignos, as crianças da cidade ficavam dentro de casa. O garoto relaxou e sua calma o conduziu por vários becos até se aproximar do palácio do bispo.

– Saia da rua, seu corcunda! – berrou uma voz com a estridência de um moleque de peixaria. Ele olhou para a janela gradeada e viu um rosto rosado, emoldurado por arminho.

Angelo se encolheu. O sobrinho do bispo estava em Todi havia apenas três semanas e já zombava de seus ombros encurvados. Quando nasceu – ficou sabendo anos depois – as fofoqueiras que se enfileiravam nos bancos das praças não tardaram a declará-lo amaldiçoado. Observavam-no quando era pequenino, lutando para ficar de pé e andar. Remexendo-se como urubus enfileirados numa laje, elas repetiam velhos boatos sobre seu avô Lorenzo.

Naquele mesmo ano, o Sol desapareceu do céu, estrelas brilharam ao meio-dia e a multidão invadiu as ruas, enlouquecida, com medo. O bispo, arrastando uma cruz enorme, guiou os frades cinzentos e outros clérigos ao longo da Via Misericórdia até a praça principal, onde fez um sermão sobre os últimos dias. As velhas reviraram os olhos na direção do menino. Então, logo depois de ele fazer 9 anos, seus caninos cresceram como presas e a cidade foi abalada por um terremoto que danificou a catedral românica. As provas contra ele pareciam conclusivas.

Mas já era o bastante! Tinha 13 anos, era senhor de sua própria casa e estava farto de provocações, em particular de um recém-chegado. Olhou furioso para o outro garoto, pôs a mão em concha sobre o bíceps e levantou o punho na direção da janela.

– *In vostro culo, Gaetani!* – berrou. – Volte para Anagni! – Seu grito ressoou nas paredes de pedra e no calçamento.

O rosto desapareceu e Angelo correu para longe. Tinha dito o que queria e, considerando seu tamanho e a diferença de idade entre os dois, escolheu confiar a segurança às pernas.

Subiu de quatro a escadaria da Igreja de São Fortunato, como um animal em

fuga. Só parou ao chegar ao lintel de mármore da porta principal, ofegante. O peito queimava e o coração martelava no peito, mas ninguém vinha atrás. Riu. Nunca havia gritado uma obscenidade daquelas, certamente não para o sobrinho do bispo! O riso se alargou ao perceber como a vida poderia ser diferente sem a onipresença constante do pai.



Agora que era um velho, frei Angelo conseguia ver aquela manhã do ponto de vista de Gaetani. Benedetto poderia simplesmente estar na janela, esperando para soltar sua fúria sobre qualquer um que passasse lá embaixo. Como um bebê obrigado a comer algo sem gosto, ele fora empanturrado de tédio durante semanas, preso no que, para ele, era uma montanha deserta. Fora arrastado do conforto da vila ensolarada de seu pai nos arredores de Roma quando o papa nomeou seu tio Pietro como bispo deste bastião cinzento. O frade quase pode ouvir o sermão paterno: “E assim, Benedetto, você põe o pé no primeiro degrau da escada. Observe seu tio e aprenda. Você também será um prelado poderoso um dia. Estude seus livros. Até uma cidade de montanha como Todi tem um professor que conhece cânones e direito civil.”

Também consegue visualizar o obsequioso Dr. Bartolo apontando para o garoto com a coluna encurvada e a pele pálida. “Outro dos meus alunos. Até agora, é meu estudante mais bem dotado. Seu pai quer ter na família uma mente que conheça as leis para cuidar dos negócios. É a mais nova tendência da aristocracia *menor*.” O professor teria feito uma careta para demonstrar que compartilhava o desdém de Gaetani por nobres inferiores e, sem dúvida, deu de ombros ao acrescentar: “Mesmo assim, um tutor pobre precisa ganhar a vida como puder.”

Qualquer que fosse o motivo que tivesse para zombar de Angelo, estava claro que Benedetto jamais perdoara o punho levantado. Esse único gesto, pensa o frade, pode ter tudo a ver com o fato de estar preso hoje no fundo deste buraco. Se ao menos tivesse ignorado a provocação e continuado sua marcha urgente em direção a São Fortunato, a cinquentenária vingança de Gaetani poderia nunca ter existido.



Forçando a pesada porta entalhada, ele conseguiu abri-la o suficiente para se espremer e passar. Seu rosto se contorceu diante do odor pungente de frades em putrefação que vinha da cripta funerária embaixo da construção. O cheiro de morte estava em toda parte naquela manhã. Mergulhou os dedos na pia de água-benta, fez o sinal da cruz e foi rapidamente até o afresco da Virgem, onde sabia que

encontraria a mãe e a criada Nella. Todos os dias, as duas mulheres se ajoelhavam por horas a fio diante da pintura da Madona e seu bebê. Ficavam durante tanto tempo, que às vezes seu pai mandava o administrador, Gastaldo, verificar o paradeiro das duas.

No dia em que a carruagem dos Gaetani adentrou Todi estrondosamente, trazendo o bispo Pietro e seu sobrinho, o *signore* Iacobello foi pessoalmente à igreja, arrastando com ele o menino e o administrador. Precisava confirmar por si só a história que Gastaldo contara, de que os joelhos das mulheres haviam provocado depressões nos ladrilhos. Era verdade. Além disso, Iacobello descobriu uma infinidade de minúsculos sulcos cercados de sal seco, onde as lágrimas de sua esposa haviam corroído o piso. Ele molhou as pontas dos dedos, esfregou-as nos cristais amarelados e encostou o dedo nos lábios. Imediatamente seus joelhos se dobraram, ele entrou em convulsão, babando, e caiu de lado. Gastaldo e o garoto o carregaram para casa e o colocaram na cama, onde ele ficou durante três semanas até seu último e lastimável “Gelino”.

Naquele dia, como em todos os outros, as duas mulheres estavam vestidas de preto, não por causa da doença do *signore*, mas pelo sentimento compartilhado de luto perpétuo. O véu cinza-claro que escondia o rosto machucado da mãe oferecia o único toque de luz na cena sombria. Angelo sabia melhor do que ninguém por que ela o usava. Nem a divisória que separava seu colchão de palha da cama dos pais nem o travesseiro que ele usava para cobrir a cabeça o abrigavam dos sons dos espancamentos noturnos e dos gritos de dor dela.

Um dia de manhã, sozinho no quarto, ele havia apanhado a camisola amarrada da mãe e segurado contra o rosto, embebendo-se do cheiro. Esticou-a totalmente sobre a colcha, acompanhando com os dedos as bordas de renda da gola alta e dos pulsos. Mais abaixo ela havia bordado uma rosa e, no centro da rosa, alinhavara um buraco, cuja circunferência equivalia à que ele formava juntando a ponta do dedo médio com a extremidade do polegar. Sua mão tremeu ao tocar nos pontos da costura. Angelo sabia que ele havia sido concebido através daquele buraco.

A lembrança o perturbou. Tentou afastar aquele pensamento enquanto olhava as mulheres, mas em vez disso começou a observar a silhueta do vestido da mãe. Engoliu em seco e chamou em voz baixa:

– *Mamma*.

Ela virou o tronco em sua direção. Mesmo sem ele dizer mais nada, ela adivinhou a mensagem. Baixou a cabeça e Angelo a ouviu sussurrar por entre o véu:

– *Santa Maria, grazie. Grazie molte*.